

## EDITORIAL

### Modalidades da crítica midiática em tempos críticos

Lançada em 2007, a revista RuMoRes chega a sua 33ª edição com significativas mudanças. Ao longo desses 17 anos, muitas foram as transformações no campo da comunicação em suas articulações com os estudos de linguagem e as práticas midiáticas, especialmente se considerarmos hoje as injunções tecnológicas advindas de mídias digitais e redes sociais. Seja em termos teórico-metodológicos, seja em termos prático-analíticos, nessas quase duas décadas as pesquisas em comunicação – e suas aplicações – têm demonstrado a vitalidade e a centralidade de uma área que não teme se reinventar, fazendo da variedade de abordagens, conceitos e métodos a sua força.

Atentos a esses desdobramentos, o MidiAto e, a partir deste número, a Rede Metacrítica de Pesquisa em Cultura Midiática, propõem uma mudança que visa, antes de tudo, visibilizar o percurso que, há uma década, tem guiado suas investigações e atividades. Participam da Rede, além do MidiAto (USP), os grupos de pesquisa Mídia e Narrativa (PUC Minas), Quintais: cultura da mídia, arte e política (UFOP), Sociedade mediatizada: processos, tecnologia e linguagem (PUC Campinas), Representações, Mediações e Humor na Cultura Audiovisual (UAM) e Checar – Checagem, Educação, Comunicação, Algoritmos e Regulação (Umesp).

Se os estudos da crítica de mídia têm se mostrado cada vez mais necessários ao campo da comunicação, atualmente ganham destacada relevância porque pesquisadores e pesquisadoras se deparam com questões de grande complexidade. Tais problemas demandam ampla diversidade de respostas a respeito das naturezas da crítica de mídia, dos lugares onde ela se encontra, dos sujeitos que a praticam, das perspectivas teóricas que a orientam, de suas implicações e compromissos. Com esta nova proposta editorial, portanto, a revista RuMoRes pretende estimular a publicação de estudos da crítica de mídia em diferentes instâncias: 1) análise crítica de produtos difundidos nas diferentes mídias;

2) análise de críticas publicadas ou veiculadas na própria mídia; 3) análise de críticas que circulam de forma dispersa pela sociedade; 4) análise de críticas de mídia realizadas por acadêmicos, com interesse na percepção dos modos de se criticar; 5) estudos teóricos sobre crítica de mídia, reflexões sobre teorias da crítica e sobre posicionamentos políticos da crítica. Desse modo, o redirecionamento editorial da revista abre-se a contemplar estudos situados nessas vertentes.

Assim, dois eixos se colocam como norteadores do percurso destacado nesta edição: como fazer a crítica *de* diferentes práticas midiáticas hoje? Como é feita a crítica *em* diferentes práticas midiáticas? Derivada a partir deles, uma outra pergunta nos interpela: como fazer a crítica diante de novas modalidades contemporâneas, seus modos de circulação e apropriação midiáticas? Buscando responder a essas indagações, os doze textos aqui reunidos propõem trajetos para o estabelecimento de uma crítica midiática voltada para o tempo presente, ancorada nas tradições das críticas cultural e jornalística e, especialmente, mobilizada para o estabelecimento de uma crítica social. A crítica de mídia, portanto, mostra-se como um ofício situado na confluência das atuais crises políticas, ambientais e econômicas – em suas injunções tecnológicas – para nelas intervir e atuar, propondo caminhos possíveis não apenas para reflexões críticas, mas para a efetiva mudança social.

Os artigos desta edição atestam esse gesto crítico ao propor temáticas relacionadas à representação, diversidade, interseccionalidade, periferias, jornalismo, cinema, literatura, televisão, internet, rádio, recepção, curadoria, entre outros aspectos que compõem o cenário multifacetado para se fazer a crítica de objetos empíricos presentes nas mídias. Assim, o dossiê “Modalidades da crítica midiática em tempos críticos”, tem início com o crítico de televisão Mauricio Stycer em entrevista a Amanda Souza de Miranda, do MidiAto. Por meio de um diálogo franco e questionador, em “O papel do crítico em tempos de crises” Stycer aborda problemáticas percebidas em sua longa atuação como crítico de televisão, propondo modos de pensar a crítica de mídia hoje e os desafios colocados pelas recentes crises vividas no Brasil e no mundo. Os estudos empreendidos por autores e autoras de diversas instituições e áreas de inserção, que se reúnem em rede para o enfrentamento do lugar e do papel da crítica de mídia, representam uma amostragem relevante, pertinente e consistente.

Os artigos “Em busca de João Gilberto e Germano Mathias: um possível encontro entre as poéticas de Sérgio Sant’Anna e João Antônio”, de Cláudio Coração (UFOP) e Marcio Serelle PUC Minas), e “Imagens, inteligência artificial e a incontornabilidade da metacrítica”, de Felipe Muanis (UFJF e UTAD/Portugal), trazem perspectivas metateóricas para a conformação de um campo da crítica em suas interfaces com aspectos estéticos e imagéticos da cultura, especialmente no que diz respeito ao borramento de fronteiras entre referencialidade e ficcionalidade. No primeiro, os autores apontam aproximações entre as poéticas dos autores na crítica da vida urbana moderna, por meio da análise dos contos “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro”, de Sérgio Sant’Anna, e “Abraçado ao meu rancor”, de João Antônio. O segundo texto reflete sobre a imagem digital e evidencia como a inteligência artificial contemporânea, ao quebrar o referente real da imagem técnica, oferece uma mudança de paradigma para a imagem.

Nos artigos “Divulgação científica e crítica de mídia no canal *Nunca vi 1 cientista* no YouTube”, de Amanda Souza de Miranda (MidiAto/USP) e Sofia Franco Guilherme (UAM), “Percepção de moda no Instagram: uma análise dos perfis de Camila Coutinho e Garotas Estúpidas”, de Raíssa Zogbi (PUC Campinas) e Juliana Doretto (PUC Campinas), e “Balizamentos da crítica: diversidade e ativismo em plataformas audiovisuais”, de Thiago Siqueira Venanzoni (Fiam-Faam) e Rosana de Lima Soares (USP), as novas modalidades da crítica são acionadas de maneira mais direta ao se voltarem para um canal do YouTube, perfis do Instagram e plataformas audiovisuais on-line. Miranda e Guilherme discutem novas formas de apresentação de problemas e soluções da ciência em conteúdo audiovisual para público amplo, analisando como esse conteúdo circula no canal *Nunca vi 1 Cientista*, com 200 mil inscritos. No texto seguinte, Zogbi e Doretto exploram a percepção do público sobre a moda por meio de influenciadoras digitais, identificando indícios de sua influência no processo de construção de subjetividades. Ao tratar de plataformas audiovisuais, Venanzoni e Soares empreendem um debate sobre a função e o papel da crítica midiática na organização de conteúdos presentes em plataformas ou agregadores audiovisuais, compreendendo que aspectos da crítica condicionam sua produção, elaboração, circulação e mediação com os públicos.

Os textos seguintes, por sua vez, ressaltam aspectos relativos às lutas identitárias, políticas de representação, construção de visibilidades e disputas por reconhecimento social

como operadores teórico-metodológicos nos quais articular a crítica de mídia. Em “Angola Janga: a circulação crítica de uma história de reconhecimento”, Ercio Sena (PUC Minas) aborda a política de reconhecimento na circulação crítica de *Angola Janga – Uma história de Palmares* (2018), explorando a repercussão em torno da obra em quadrinhos que retrata a resistência das populações escravizadas na reconstituição da história do Quilombo dos Palmares. A aceleração dos processos de midiaticização e a questão de como fazer a crítica de mídia diante de novos modos de circulação e apropriação, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento de identidades e diferenças de grupos minoritários, é o tema tratado por Maressa de Carvalho Basso (PUC Minas/Poços de Caldas) e Natalia Engler Prudencio (MidiAto/USP) em “Demandas por diversidade como parâmetro para a crítica da/na mídia”.

No campo das produções audiovisuais cinematográficas, Caio Túlio Padula Lamas (MidiAto/USP), em “Análise discursiva de filmes brasileiros e crítica da mídia: considerações metodológicas”, aborda, do ponto de vista metodológico, a análise discursiva de filmes em seus diálogos com a crítica de mídia, ambas pensadas como um conjunto de valores e procedimentos que orientam determinados aspectos de obras específicas. De modo semelhante, o artigo “Estrutura narrativa, subjetivação e memória social como expressões da crítica de mídia em *Tempos de paz*”, de Cíntia Liesenberg (PUC Campinas) e Fernanda Elouise Budag (Fapcom e USJT), interpela uma produção fílmica brasileira para apreender como sua construção narrativa interrelaciona diferentes esferas de abordagem que, articuladas entre si, permitem a apreensão de sentidos da obra em torno da memória social e de processos de subjetivação.

Encerrando o dossiê, três textos acionam diferentes maneiras de se pensar a crítica da cultura audiovisual em sentido amplo, partindo de produções multimodais e intermediáticas. Em “Articulações do político e do social em uma narrativa audiovisual humorística ancorada no contexto da pandemia de covid-19”, Nara Lya Cabral Scabin (UAM) e Eduardo Paschoal de Sousa (USJT) examinam as dimensões políticas e sociais do volume *#Colapso* da série *5x Comédia*, produzida pela plataforma Amazon Prime, explorando as potencialidades políticas e críticas do humor e as interações dialógicas do humor brasileiro contemporâneo. Nos interstícios do humor e do horror, no texto “*Incrível! Fantástico!*

*Extraordinário!* do rádio à internet: observações sobre um fenômeno intermediário do horror audiovisual brasileiro”, Genio Nascimento (UAM) e Laura Loguercio Cánepa (UAM) exploram algumas conexões intermediárias estabelecidas pelo programa de rádio brasileiro *Incrível! Fantástico! Extraordinário!*, reinventado em mais de uma dezena de produtos de mídia impressa e audiovisual.

Por fim, Ivan Paganotti (Umesp) enfatiza a importância, em tempos críticos, de buscarmos maneiras rigorosas e eficazes de mobilização contra a desinformação, a manipulação e o obscurantismo. Em seu artigo “Checagem de fatos como crítica de mídia: critérios e potenciais formativos da verificação jornalística”, o autor avalia como veículos jornalísticos de checagem de fatos podem, indiretamente, realizar a crítica de mídia propondo uma tipologia dos efeitos pedagógicos da verificação jornalística como uma crítica de mensagens, veículos, meios, recepção, controle e, ao mesmo tempo, discutindo propostas para alterar o sistema midiático e os critérios metacríticos para a análise do próprio jornalismo.

Em sua nova etapa, RuMoRes agradece, uma vez mais, a seus colaboradores e colaboradoras – editores, comissões, autores, pareceristas, revisores, diagramadores, leitores – e, nessa edição, à parceria de longo tempo estabelecida com a Tikinet, responsável pelo acompanhamento do processo editorial e pela nova identidade visual da revista. Agradecemos, ainda, à Universidade de São Paulo, representada pela Escola de Comunicações e Artes e pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, pelo apoio e incentivo à produção e difusão científicas. Com isso, esperamos que não apenas em seus conteúdos, mas também em sua expressão gráfica, a revista possa seguir trilhando novos caminhos e propondo formas originais e inventivas de realizar a divulgação científica, a consolidação das pesquisas em comunicação e a assunção do espaço fundamental à democracia representado pela educação, pela ciência e pela universidade brasileiras. Que por meio desse esforço constante e persistente, revelado nas diversas facetas do incansável trabalho realizado em nossas instituições, possamos reafirmar espaços de resistências e reexistências, tecendo esperanças e utopias. Boas leituras!

*MidiAto e Rede Metacrítica*

*julho de 2023*